



A SÁTIRA. Revista humorística de caricaturas – Apareceu pela primeira vez a 1 de Fevereiro de 1911, em Lisboa, por iniciativa de **Joaquim Guerreiro**¹, seu proprietário e também director. Foram também responsáveis da publicação: **José Stuart Carvalhaes**², o editor; e **Salomão Guerreiro**³, o administrador, embora este só conste no cabeçalho da publicação a partir do segundo número. Refira-se ainda a existência de um pequeno corpo redactorial e gráfico, com carácter permanente, que é apresentado no segundo número, na forma de caricaturas, e do qual faziam parte: **Alfredo França**⁴ e **Carlos Simões**⁵ (redactores), **Cândido Silva** (caricaturista). A *Sátira* tinha uma periodicidade mensal.

Poucos meses haviam decorrido desde o 5 de Outubro de 1910. No contexto de uma República emergente – mergulhada em trabalhos preparatórios para a eleição da Assembleia que lhe daria uma Constituição – contra o quê ou quem dirigia a sua crítica? No primeiro texto publicado, uma espécie de editorial programático, que ostenta como título o velho adágio latino «Ridendo castigat...», encontram-se algumas pistas. Desde logo, promete-se ao leitor uma crítica generalizada a toda a sociedade, que, curiosamente, é descrita através de duplas de estereótipos de sinal inverso: «Políticos e homens de génio, barbeiros e homens de letras, tira-calos e deita-gatos, sopeiras e patroas, policias e fadistas, padrecas [sic] e atheus, farroupilhas e nababos, tudo isso que faz parte da grande Comédia humana, tudo isso ao abrir das páginas te saltará sorrindo, gargalhando, foliando desengonçado e picaresco.»⁶ Não restam dúvidas de que *A Sátira* apareceu para veicular a opinião dos que fazem uma análise negativa da sociedade portuguesa – apesar da sua recente demonstração de vitalidade e capacidade transformadora, ao viabilizar a implantação da República – ou discordam da orientação seguida pelo novo regime.

Atente-se ainda, no mesmo texto e com o propósito de convencer o leitor a comprar assinatura, na referência directa que é feita a outro título que, por sinal, se transformaria em porta-voz do movimento da *Renascença Portuguesa*: «Contamos com a tua collaboração amigo leitor. A tua collaboração monetária, três vinténs é menos uma *Águia* e mais uma gargalhada.»⁷ A menção a uma publicação em concreto, num tom claramente desmerecedor, ainda que bem-humorado, parece encobrir um significado obscuro. Que tipo de exasperação lhes poderia causar *A Águia*⁸?

As duas publicações assumem, de facto, posturas completamente diferentes perante a jovem República e os seus dirigentes, quer no plano estético quer no plano político. *A Águia* tinha chamado a si a missão de consolidar e aprofundar o regime republicano através do nacionalismo, ou seja, do culto das tradições essenciais e do estímulo ao desenvolvimento de valores e doutrinas genuinamente portuguesas. Foi, portanto, um instrumento ao serviço do ressurgimento pátrio, recusando qualquer influência ou participação marcada com o selo do exterior.

Já *A Sátira* não estava condicionada a nenhum ideário definido, pelo que, graficamente, foi montra de uma diversidade estética que lhe granjeou um papel de relevo no **lançamento do Modernismo em Portugal**. De entre os



muitos desenhadores que, com mais ou menos regularidade, colaboraram com *A Sátira*, destacam-se: Leal da Câmara⁹, Francisco Castro¹⁰, Sanches de Castro¹¹, Christiano Cruz¹², Correia Dias¹³, Luiz Filipe¹⁴, Saavedra Machado¹⁵, Almada Negreiros¹⁶, Alfredo de Sousa e Francisco Valença¹⁷.

Embora a caricatura e a ilustração ocupem a maioria das páginas d'*A Sátira*, o texto também está presente, sob a forma de pequenas anedotas, composições poéticas, contos, crónicas, notícias, artigos de opinião, entrevistas e reportagens, quase sempre temperadas de humor. Também neste caso, a diversidade é, em grande parte, resultado de um longo rol de **colaboradores literários**, frequentemente ocultados por pseudónimos: Dominó Branco (pseud. de Delfim Guimarães, 1872-1933), André Brun¹⁸, A. Sobral de Campos (1888-1962), Esculápio¹⁹, Alvaro Faria, Santos Galvão, Igotus, Humberto de Luna, Manuel Cardoso Martha (1888-1958), Nobre de Mello, Alberto de Monsaraz (1889-1959), Manuel de Moura (1864-1934), Orlando (pseud. Julio Dumond), Augusto Pinto (n. 1888), João Ratão (pseud. Luis Cipriano Coelho de Magalhães, 1859-1935), José Salazar, Albino Forjaz de Sampayo²⁰, Feliciano Santos²¹, Miranda Santos, R. Xavier da Silva, Marçal Vaz, Santos Vieira, entre outros.

Tal como *A Águia*, também *A Sátira* quis, e conseguiu, ser um centro de inovação cultural, no seio do qual se geraram alguns projectos mobilizadores da parte de prolíferos criativos, e de forte impacto junto do público. Logo no primeiro número desafiou «os pintores e escultores portugueses» a participarem no «salão d'arte»²², com carácter permanente, que organizou num espaço anexo à redacção. Há também menção, em todos os números, a uma outra publicação, ***A Sátira Pequena. Publicação semanal humorística de caricaturas***, cuja edição é prometida para breve. Provavelmente, nunca se chegou a concretizar, já que nada encontramos sobre ela.

Foi na sede da revista – na Rua da Magdalena, n.º 125 - 2.º – que decorreram as reuniões que estiveram na origem da constituição da **Sociedade dos Humoristas Portugueses**, «a primeira tentativa no nosso país de agremiação de artistas da imprensa»²³. A sua primeira grande iniciativa foi a organização do **I Salão dos Humoristas Portugueses**, que inaugurou em Maio de 1912, no Grémio Literário, em Lisboa, quando *A Sátira* já deixara de se imprimir há muitos meses. A revista completou apenas quatro números mensais, interrompendo o seu ciclo de vida em Junho de 1911. Como a primeira reunião da Sociedade teve lugar no dia 3 de Maio²⁴, não é de afastar a hipótese de os dois factos estarem relacionados, isto é, de a viabilidade de um pôr em causa o outro, por razões de natureza financeira, organizacional ou outras. Assim o sugere o último texto publicado na revista, que faz notícia da constituição da Sociedade. Entre outros aspectos, é sublinhado que, na sequência do investimento realizado, a sustentabilidade financeira da empresa *A Sátira*, dependia de uma actualização do preçário praticado, pelo que solicitavam do público «um pequeno sacrifício pecuniário».²⁵ Tudo indica que o público não foi sensível ao argumento, pois a revista deixou de publicar-se. Após dois meses de silêncio, a 8 de Setembro de 1911, ainda apareceu ***A Garra. Suplemento d' A Sátira***, mas essa tentativa de “renascimento” também fracassou.



Do ponto de vista político, n' *A Sátira* está sempre subjacente a ideia do descrédito total da República tal como ela se consubstanciara. E não se cansam de proclamar, em todas as línguas e cores, que «Decididamente, a República não era o *Ideal*. Quando muito um *Zig-Zag* em que se embrulhavam todas as opiniões diversas.» E a própria revista reflecte esse desconcerto de vozes, não obstante o aparente unanimismo resultante da posição crítica que veicula. Demolir pela gargalhada era o seu mister “redentor”. Porém, a revista vai avisando: se os resultados tardarem «cortamos as relações com o Governo Provisório e pedimos a demissão de salvadores da Pátria.»²⁶

Embora a publicação aponte a sua crítica satírica em várias direcções, existem algumas “vítimas” preferenciais, determinadas perspectivas valorizadas e alguns silêncios curiosos. No primeiro núcleo, o das vítimas, incluem-se os membros do governo provisório²⁷ e outras figuras relacionadas com a revolução e o P.R.P; o rei, sua família, bem como figuras relacionadas com a administração monárquica; representantes e agentes da Igreja; as multidões de “heróis da rotunda”; e as mulheres.

Elas são, de facto, um dos grupos mais satirizados, adquirindo, assim, uma visibilidade que não pode deixar de surpreender o leitor actual. De facto, as alterações na lei não o justificavam: o registo civil, o divórcio e a protecção aos filhos ilegítimos resumiam, na época, as “grandes” conquistas alcançadas. Mas, no plano dos costumes, as mudanças vinham acontecendo, rápida e irremediavelmente. Assim o confirma a prolífera reacção deles – intelectuais e artistas, gente da classe média, sublinhe-se –, expressão também do conservadorismo reinante. Sobretudo, são acusadas de frivolidade, ousadia no vestuário, no penteado, numa palavra: culto do *chiquismo*. Culto que surgia associado a uma maior liberdade nos costumes, como o fumar ou o de sair sem a presença da figura masculina – que consideravam um garante da boa moral. Mas também transpira por muitas das blagues alguma apreensão perante a perspectiva da independência económica da mulher – da pequena e média burguesia, sublinhe-se, porque a do povo, sempre trabalhara.

No cenário editorial que acabámos de descrever, contrasta, e por isso a sublinhamos, a única colaboração feminina d' *A Sátira*, **Maria O'Neill**²⁸, que deixou plasmada uma opinião crítica sobre o feminismo, mas ponderada, conscienciosa mesmo. A autora parece, sobretudo, empenhada em denunciar e desmontar o “feminismo cénico”, ou seja, aquele que se limitava à assunção de posturas libertárias, que pouco contribuía para dignificar a mulher ou ampliar a sua autonomia económica ou capacidade de participação política.

No que toca ao balanço da revolução, aos resultados alcançados, o enfoque d' *A Sátira* foi para a denúncia das linhas de continuidade entre o regime monárquico e o republicano. Para tal, retratou insistentemente os “adesivos” (epíteto com que eram designados os monárquicos que, em face da vitória dos republicanos, imediatamente se “colaram” aos novos líderes, ao próprio Partido Republicano, etc.) e a tolerância promíscua da maioria dos dirigentes republicanos para com o “fenómeno”; assim como se ocupou em demonstrar que o tão apregoado lema «Liberdade, Igualdade e Fraternidade» não passara de uma ilusão, com a qual se cativara o povo (sobretudo o das cidades) para a



revolução. Alcançado o poder, o interesse dos políticos centrava-se na sua manutenção, esquecendo as expectativas insufladas nas massas populares.

Rita Correia, 7/2/2011

¹ Joaquim José Guerreiro (n. Catumbela/Angola, 1/06/1886 – m. Rio de Mouro, 9/12/1941). Filho de um oficial do exército, veio estudar para o colégio Militar, em Lisboa, em 1896. A sua ligação à imprensa, como caricaturista, iniciou-se em 1903, n' *A Tribuna*; seguiu-se a *Revista Ilustrada* (1907), *O Raio*, de que foi director artístico (1909-10), *O Século – Suplemento Humorístico* (1910) e *A Sátira*, no seio da qual germinou a Sociedade dos Humoristas Portugueses. Provavelmente, porque essa primeira iniciativa empresarial não foi feliz, em 1912, partiu para o Brasil. Aí se manteve por largos anos, onde se envolveu nas artes cinematográficas, quer como produtor quer como actor. Regressado a Portugal no final da década, além de manter algumas colaborações esporádicas com a imprensa, foi realizador e ilustrador do primeiro desenho animado português, *O Pesadelo do António Maria*, que estreou a 25 de Janeiro de 1923, no Éden-Teatro, em Lisboa. Entre 1927 e 1931, viveu em Paris e no Brasil. A doença trouxe-o de volta, tendo ficado hospitalizado numa Casa de Saúde, onde acabou por falecer.

² José Herculano Stuart Torrie de Almeida Carvalhais (n. Vila Real 7/3/1887 – m. Lisboa 2/3/1961). Foi um dos mais geniais caricaturistas portugueses. O seu virtuosismo reflecte-se com igual intensidade quer na versatilidade do traço quer na irreverência picante do seu humor. Estagiário no *atelier* de azulejo de Jorge Colaço, foi pela mão do mestre que chegou ao suplemento humorístico d' *O Século*, onde publicou os seus primeiros trabalhos. Seguiram-se outras experiências, nomeadamente: *Ilustração Portuguesa*, *A Voz da Juventude*, *A Garra*, *O Zé* e *A Sátira*. Ligou-se aos modernistas e foi co-fundador da Sociedade dos Humoristas Portugueses. Ainda colaborou com *A Lanterna* e *O Pardal*, antes de partir para Paris, em 1913, onde alcançou um rápido sucesso. Porém, o apelo pátrio acabará por o fazer regressar, pouco tempo depois, para trabalhar no *Século Cómico*, para o qual criou a famosa dupla de heróis «Quim e Manecas». Dotado de uma criatividade inesgotável ainda conquistou leitores de publicações, como o *Papagaio Real*, *Os Sports*, o *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Vida Mundial*, *Sempre Fixe*, *Ridículos*, entre muitas outras. Inicialmente, assinava os trabalhos com o nome “José Stuart Carvalhais”, mas acabou por estilizar-se no “Stuart”. Pelo meio ficaram pseudónimos como “Job” e “Albino”.

³ O pai de Joaquim Guerreiro.

⁴ Alfredo de França (n. Faial, 14/12/1883). Foi funcionário do Ministério das Colónias, jornalista e humorista. Foi como poeta que se estreou nas lides da palavra escrita, publicando: *Poemas Rubros*, Funchal, 1903; *A Imagem*, Coimbra, 1906; *Pagem*, Coimbra, 1907 e a *Paneleida*, Lisboa, s.d. Posteriormente, fez-se redactor de jornais, como *O Século* e *A Manhã*, de Lisboa. Utilizava o nome de Abel Moreno como pseudónimo.

⁵ Carlos Rodrigues Simões (n. Lisboa, 12-10-1878 – m. Lisboa, 15-08-1939). Foi conservador da biblioteca do Instituto Superior de Agronomia (ISA) durante 29 anos. Como publicista, de veia humorista, colaborou em diversas publicações, como *O Chinelo*, *A Sátira*, *Diário de Notícias* (noite), *A Luta*, *Tiro e Sport*, *Ilustração Portuguesa*, *Sempre Fixe*, *Varões Assinalados*, *O Mundo*, entre outros. Também se envolveu no mundo do teatro, tendo redigido duas peças, em colaboração com André Brun.

⁶ Cf. *A Sátira*, nº 1 (1 Fev. 1911), p. 1.

⁷ *Ibidem*.

⁸ A revista *A Águia* faz parte da colecção da Hemeroteca Municipal de Lisboa e está acessível na Biblioteca Nacional Digital, através do endereço: <http://purl.pt/12152>

⁹ Tomás Júlio Leal da Câmara (Nova Goa, 1876 – Rinchoa, 1948). Foi pintor e caricaturista de grande virtuosismo. As suas primeiras colaborações foram para *O Inferno*, *D. Quixote*, *Branco e Negro*, *Os Ridículos*, *Brasil-Portugal*, *Suplemento Humorístico de O Século*, *O Diabo*, *Marselhesa* e *Corja*. Terá de exilar-se nos últimos anos da Monarquia Constitucional. Primeiro esteve em Madrid, onde colaborou em revistas de arte e, depois, em Paris. Aqui, trabalhou para *La Assiette au Beurre*, *Le Cri de Paris*, *L'Indiscret*, *Sans-Gêne*, *Caricature*, sempre cultivando a sátira das personalidades políticas maiores. Também na Bélgica fundou um jornal humorístico, o *Le Rire Belge*. O seu regresso a Portugal, em 1911, terá ficado a dever-se à iniciativa de Joaquim Guerreiro, director d' *A Sátira*. No terceiro número da revista é anunciada a viagem e o quarto e último número dedica-lhe grande destaque, chamando-o mesmo à capa. Mas Leal da Câmara acabou por desentender-se com Guerreiro, o que explica a sua não participação no I Salão dos Humoristas Portugueses. Em 1916, no Porto, lança o *Miau!* e cria o Grupo dos Fantasistas. Também se dedicou à ilustração e à cerâmica, continuando a publicar, agora, na *Capital*, n' *Os Grotescos*, n' *O Mundo*, no *Diário de Notícias Ilustrado*, no *Comercio do Porto Ilustrado*, n' *A Montanha*, no *ABC a rir*, n' *O Porto por um Canudo*, n' *O Espectro*, no *Sempre Fixe*, n' *Of'side*, n' *A Risota* e n' *O Sol*. Fez pinturas decorativas no Jardim-Escola João de Deus e foi professor do ensino industrial.

¹⁰ Francisco de Castro (n. 1888). Desenhador humorista, ainda estudava quando começou a publicar em jornais académicos. Posteriormente, colaborou com diversos periódicos, como *A Sátira* e a *Revista Ilustrada da Sociedade Hípica Portuguesa*, *Notícias Miudinho – suplemento do Diário de Notícias*, entre outros. Participou no II Salão dos Humoristas Portugueses (1913).

¹¹ Alfredo Sanches de Castro, (n. 1888). Desenhador humorista, colaborou em diversas publicações, como *O Povo*, *A Águia*, *A Sátira*, *O Riso da Vitória*, *ABC a Rir* e *Diário de Lisboa*. Integrou-se na corrente modernista e participou no I e II Salão dos Humoristas Portugueses (1912 e 1913).

¹² Christiano Shepard Cruz (n. Leiria, 1892 – m. Silva Porto/Angola, 1951). Pintor, caricaturista e ilustrador, foi um pioneiro do modernismo em Portugal. Membro do grupo de artistas de Coimbra, a sua obra gráfica encontra-se publicada nos periódicos *O Gorro* (1909), *A Farça* e *A Rajada*. Envolveu-se na constituição da Sociedade dos Humoristas, da qual foi vogal. Participou nos salões lisboetas (1912, 1913 e 1920) e nos salões portuenses de Humoristas e Modernistas (1915 e 1916). Colaborou, ainda, em muitos outros títulos, como *A Águia*, *Limia*, *A Sátira*, *Novidades*, *A Capital*, entre outros. Apesar de um percurso artístico tão promissor, acabou por se afastar, em 1919, quando partiu para Moçambique, onde veio a exercer uma importante actividade de investigação como Médico Veterinário.

¹³ Fernando Correia Dias (n. Penajoia, 1892 – m. Rio de Janeiro, 1935). Desenhador, caricaturista e gravador. Fez parte do Grupo de Coimbra, que congregou muitos pioneiros do modernismo português. Publicou em *O Gorro*, *A Farça*, *Limia*, *A Águia*, *A Sátira* e *A Rajada*, de que foi director artístico. Em 1914, depois de uma exposição bem sucedida em Lisboa, partiu para o Brasil. Aí estabeleceu residência, tornando-se um dos principais impulsionadores do modernismo gráfico e decorativo. Casou com a poetisa Cecília Meireles.

¹⁴ Luís Filipe Gonzaga Pinto Rodrigues (n. Melgaço, 21/03/1887 – m. Viana do Castelo 10/08/1949). Advogado e caricaturista. Estudava direito em Coimbra, quando sentiu o apelo das artes. Fez parte do Grupo de Coimbra, centro germinador e propagador do modernismo em Portugal. Foi director artístico de *A Farça*, colaborando também em *O Povo*, *Limia*, *A Águia*, *Folha de Viana*, *A Montanha*, *A Rajada*, *A Bomba*, entre outros. Findo o curso voltou para o Minho e acabou por dar prioridade à carreira de advogado. Mas nunca deixou morrer o gosto pela ilustração. Ainda enviou trabalhos para o 2.º Salão de Modernistas do Porto e, em 1919,

quando foi preso como anti-sidonista publicou no jornal policopiado *A Velha*. Mais tarde, depois de ter retomado a sua actividade profissional, desenhou cartazes para as Festas da Sr.^a da Agonia. Já na década de trinta realizou uma exposição de caricaturas de figuras vianenses.

¹⁵ João Saavedra Machado (Lisboa, 1889 - 1950). Desenhador, caricaturista e pintor, estudou com os mestres Condeixa e Luciano Freire. Participou no II Salão dos Humoristas Portugueses (1913). A par de uma carreira como desenhador, nos museus de Etnologia e de Anatomia da Faculdade de Medicina (Lisboa), publicou os seus trabalhos em diversos periódicos, como *A Parodia*, *Suplemento Humorístico de O Século*, *A Sátira*, *O Espectro*, *Sempre Fixe*, entre outros.

¹⁶ José Sobral de Almada Negreiros (Trindade, 7/04/1893 - Lisboa, 15/06/1970). Foi um artista multifacetado, genial e controverso. Esteve ligado ao grupo modernista. Era ainda estudante quando publicou o seu primeiro trabalho como desenhador de imprensa: foi n' *A Sátira* (nº 4, p. 45). No ano seguinte, figura entre os participantes no I Salão dos Humoristas Portugueses. Desde então, manteve sempre uma colaboração com várias publicações, de que destacamos *A Rajada* (1912), *Ilustração Portuguesa* (1913), *Papagaio Real*, do qual foi director artístico (1914), *Atlântida* (1917), *Diário de Lisboa* (1921-24), *Sempre Fixe* (1926-33), *Sudoeste* (1935), *Presença*, *Panorama*, entre muitas outras.

¹⁷ Francisco Valença (n. Lisboa, 1/12/1882 – m. 17/01/1963). Estreou-se em 1900, no quinzenário *O Chinelo*, fundado por si em colaboração com os escritores André Brun e Carlos Simões. Seguiram-se outros projectos, como o *Salão Cómico* (1902), os *Varões Assinalados* (1909-11) e *O Moscardo* (1913). Todos de curta duração. A genialidade de Valença enquanto caricaturista decorre, sobretudo, da agudeza de espírito e do seu traço sóbrio e luminoso, que alimentavam uma criatividade inesgotável. É sempre cordial com o adversário, quase amoroso. Seria fastidioso, e por demais extenso, referir todos os jornais e revistas onde colaborou, pelo que se destacam apenas os de natureza humorística: o suplemento humorístico d'*O Século* (1904-08); *A Sátira* (1911); e o *Sempre Fixe* (1926-59). Ilustrou vários livros e participou em diversas exposições individuais e colectivas. Em paralelo com a sua carreira de caricaturista, foi desenhador técnico do Museu Etnológico Dr. Leite Vasconcelos, entre 1926 e 1952, ano em que se reformou. Entre as medalhas e prémios recebidos contam o Grande Prémio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1921) e a 1.^a Medalha de Caricatura nas Exposições da S.N.B.A.

¹⁸ André Francisco Brun (n. Lisboa, 09/05/1881 – m. Lisboa, 1926). Foi um comediógrafo e um escritor humorista de mérito reconhecido. Nas artes cénicas, estreou-se em 1901, com a peça *Tabelião do Pote das Almas*, redigida em colaboração com Carlos Simões. Em toda a sua carreira de autor dramaturgo, redigiu mais de meia centena de peças. A sua obra-prima é incontestavelmente *A Vizinha do Lado*. Na imprensa, começou a colaborar no *Novidades* (1907), a que se seguiu *O Século - suplemento humorístico*, *A Sátira*, entre outros títulos. Mais tarde, esse material disperso dará lugar a livros, como *Sem pés nem cabeça*, *Cada vez pior* e outros da mesma lavra.

¹⁹ Eduardo Fernandes (n. Lisboa, 1870 – m. Lisboa, 1945). Jornalista e teatrólogo português. Por ocasião do ultimato de 1890, abandonou a Escola Politécnica de Lisboa para se dedicar ao jornalismo. Fundou e dirigiu *A Pátria* e colaborou com *A Sátira*, *A Vanguarda*, *O Século*, o *António Maria*, *Pimpão*, entre outros. Utilizava o pseudónimo "Esculápio". No teatro, estreou-se como autor, em 1892, com a peça *Sarilho*, a que se seguiram muitas outras obras, que foram representadas em palcos de Portugal, Brasil e Espanha. Também fez traduções e adaptações de obras estrangeiras. Fundou a Associação dos Trabalhadores de Teatro e foi inspector-geral da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

²⁰ Albino Forjaz de Sampaio (n. Lisboa, 19-01-1884 – m. Lisboa, 1949). Escritor que sempre revelou gosto em causar polémica. Protegido de Fialho de Almeida, iniciou a sua colaboração na imprensa no jornal *A Luta*, para o qual redigiu uma série de crónicas, que posteriormente



foram publicadas em livro. A partir daí, manteve uma colaboração regular com diversos periódicos: *Os Serões*, *Novidades*, *A Notícia*, *O Imparcial*, *Diário da Tarde*, *A Sátira*, *Varões Assinalados*, *A Actualidade*, *O Xuão*, *Diário de Notícias*, etc. Foi chefe da Biblioteca e Arquivo do Ministério do Fomento (1911) e sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Oficial do exército (tenente), integrou o Corpo Expedicionário Português, colocado em França, e daí escreverá *Avalanche*. Destaque-se ainda a direcção da *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, em 4 volumes, e a sua colecção sobre *Teatro de cordel*.

²¹ Feliciano da Conceição Santos (n. Lisboa, 1886). Desenvolveu ampla actividade como comediógrafo e jornalista. No mundo das artes cénicas redigiu operetas e traduziu e adaptou algumas peças teatrais. Fundou e dirigiu diversas organizações representativas, como a Associação dos Trabalhadores Teatrais, o Grémio e a Caixa de Reforma e Pensões dos Artistas Teatrais. Como jornalista colaborou com *O Povo*, *A Sátira*, *Riso da Victória*, dirigiu o *ABC a Rir*, e foi chefe de redacção da *Ilustração*, *Diário Popular* e *Notícias Ilustrado*.

²² Cf. «Salão d'arte», in *A Sátira*, n.º 1 (1 Fev. 1911), p. 18.

²³ SÁ, Leonardo de - «Joaquim Guerreiro. A sua biografia verdadeira», in *BD Jornal*, n.º 23 (Verão 2008), pp. 32-34.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Cf. «Sociedade dos Humoristas Portuguezes», in *A Sátira*, n.º 4 (1 Jun. 1911), pp. 46.

²⁶ Cf. «Basta de elogios», in *A Sátira*, n.º 2 (1 Mar. 1911), p. 7.

²⁷ Caricaturas dos políticos mais destacados são o mote gráfico da secção «Da Monarchia á Republica», que se distribui pelo primeiro número. Mas nos restantes continuam a ser exaustivamente retratados. Chama-se ainda a atenção para a existência, em todos os números, de uma ou duas folhas extra, de papel de melhor qualidade, com uma das faces inteiramente ocupada com uma composição caricatural, impressa a cores.

²⁸ Maria da Conceição Infante de La Cerda Pereira de Eça Custance O'Neill (n. Lisboa, 19-10-1873 – m. 21/03/1932). Escritora descendente de uma família irlandesa que se estabeleceu em Portugal. Desde muito jovem revelou aptidão para a escrita e gosto pela literatura. Tinha apenas dez anos quando publicou *O morgado do jornal*. Colaborou activamente com a imprensa do seu tempo, nomeadamente na *Ilustração Portuguesa*, *Os Serões*, *O Intransigente*, *A Sátira*, *Jornal da mulher*, *Zig-zag* e *Correio da Europa*. Dirigiu, durante alguns anos, o *Almanaque das Senhoras* e o *Almanaque Ilustrado*. Tem vasta obra publicada, de muitos géneros e estilo. Não podendo considerar-se uma femininista, na acepção comum do conceito, foi uma voz ponderada na defesa da dignidade da mulher. O seu interesse por questões espíritas levou-a para o Brasil, em 1930, onde desenvolveu diversas acções de propaganda. Dois anos depois, por razões de saúde, iniciou a viagem de regresso a Portugal, mas faleceu em mar alto.

Bibliografia:

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

“O Jogo da Política Moderna!” *Desenho humorístico e caricatura na I República* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Direcção Municipal de Cultura: Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 972-8695-35-4.



ANDRADE, Adriano da Guerra - *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. ISBN 972-565-262-2.

DEUS, António Dias de – *Os comics em Portugal: uma história da banda desenhada*. Lisboa: Cotovia/Bedeteca, 1997. ISBN 972-8423-04-7.

PIRES, Daniel – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX*. Lisboa: Grifos, 1996.

LAPA, Albino – *Dicionário de Pseudónimos*. Compilado por Maria Teresa Vidigal. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

MATOS, Álvaro Costa de - «Da Imprensa Humorística da Primeira República...», in *JJ - Jornalismo & Jornalistas*, n.º 44 (Out./Dez. 2010), pp. 50-64.

SÁ, Leonardo de - «Joaquim Guerreiro. A sua biografia verdadeira», in *BD jornal*, n.º 23 (Verão 2008), pp. 32-34.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da arte da caricatura em Portugal*. S.l.: Humorgrafe/S.E.C.S, 1998. ISBN 972-8380-27-5.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – «A caricatura política em Portugal - IX. O Modernismo», in *História*, n.º 119 (Ago. 1989), pp. 56-71.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *A caricatura política em Portugal*. Lisboa: Salão Nacional de Caricatura, 1991.

Águia: revista quinzenal ilustrada e de literatura e crítica. 1.ª série. Porto: Tércio de Miranda, 1910-1911.

Águia: revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social. 2.ª série. Porto : Renascença Portuguesa, 1912-1921.